A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS FÍSICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PLENO DA CRIANÇA

ELIANE COIMBRA ARADI

RESUMO
O presente artigo discute a relevância dos espaços físicos na Educação Infantil e sua influência direta no desenvolvimento pleno da criança. Partindo de uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, analisa-se como a organização dos ambientes educativos impacta dimensões cognitivas, motoras, emocionais e sociais. O estudo apoia-se em referenciais teóricos clássicos e contemporâneos da educação e do desenvolvimento infantil, além das diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Argumenta-se que o espaço, entendido como elemento pedagógico, não é neutro, mas atua como mediador das experiências infantis, favorecendo autonomia, interação, criatividade e construção de conhecimentos. Conclui-se que ambientes planejados, acessíveis, desafiadores e acolhedores potencializam aprendizagens significativas e contribuem para a formação integral da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Espaço físico; Desenvolvimento infantil; BNCC; Ambiente pedagógico.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica no Brasil, possui como objetivo o desenvolvimento integral da criança, englobando aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais (BRASIL, 2017). Diferentemente de concepções assistencialistas, essa etapa educacional reconhece a criança como sujeito ativo, portadora de direitos e protagonista de suas aprendizagens. Nesse contexto, torna-se imprescindível considerar os diversos fatores que influenciam o desenvolvimento pleno, dentre os quais se destaca o espaço físico escolar.

O espaço físico não se limita a uma função estrutural, servindo apenas como suporte para atividades pedagógicas; ao contrário, ele atua como mediador das experiências infantis e das interações sociais. Horn (2004, p. 15) enfatiza que "o espaço nunca é neutro; ele comunica concepções pedagógicas, valores e imagens de infância", mostrando que a organização, estética e funcionalidade do ambiente refletem a filosofia educacional da instituição.

Forneiro (1998, p. 45) reforça essa perspectiva ao afirmar que "o ambiente educativo se constitui na interação entre espaço físico, relações sociais e práticas pedagógicas", destacando que o espaço é parte integrante do processo educativo e não um mero cenário.

Diversos autores, como Malaguzzi (1999) e Kramer (2006), sustentam que a organização do espaço influencia diretamente a aprendizagem, a autonomia e o protagonismo infantil. Para Malaguzzi, da abordagem Reggio
Emilia, o ambiente deve ser considerado um "terceiro educador", funcionando como mediador das experiências e estimulando a curiosidade, a investigação e a expressão criativa. De forma indireta, entende-se que espaços bem planejados favorecem o desenvolvimento cognitivo, motor e socioemocional, enquanto ambientes rígidos e desorganizados podem limitar a exploração, a criatividade e a interação social (BARBOSA; HORN, 2001).

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) também destaca a importância do espaço, ao estabelecer que os direitos de aprendizagem, conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, dependem das condições oferecidas pelos contextos educativos. Nesse sentido, o planejamento e a organização do espaço físico constituem elementos estratégicos para a promoção de experiências significativas, respeitando a singularidade de cada criança e considerando suas necessidades e interesses.

Além disso, a literatura evidencia que a infância é marcada pela exploração sensorial, pelo movimento, pelo brincar e pela interação social.

Wallon (1986) afirma que emoção, movimento e cognição são indissociáveis no desenvolvimento infantil, indicando que o ambiente físico influencia diretamente o bem-estar emocional da criança. Vygotsky (1991) complementa, ao defender que o desenvolvimento ocorre primeiro no plano social e, posteriormente, no

plano individual, evidenciando a necessidade de espaços que incentivem relações cooperativas e trocas de conhecimento.

Dessa forma, o espaço físico da Educação Infantil deve ser compreendido como elemento pedagógico intencional, capaz de estimular aprendizagens significativas, promover a autonomia e favorecer a construção da identidade e do pertencimento das crianças. Ambientes planejados, acolhedores e diversificados tornam-se, portanto, instrumentos essenciais para o desenvolvimento pleno, garantindo que cada criança possa explorar, experimentar e aprender em contextos que respeitem sua singularidade (KRAMER, 2006; FORNEIRO, 1998).

O presente artigo tem como objetivo analisar como os espaços físicos na Educação Infantil contribuem para o desenvolvimento integral da criança, articulando teorias clássicas e contemporâneas do desenvolvimento infantil com as orientações da BNCC. Busca-se, assim, demonstrar que a concepção, organização e uso do espaço não são neutros, mas exercem papel ativo na formação cognitiva, afetiva, social e motora das crianças.

DESENVOLVIMENTO

A literatura educacional contemporânea reconhece o espaço como componente curricular. Forneiro (1998, p. 45) define: "O ambiente educativo constitui-se na interação entre espaço físico, relações sociais e práticas pedagógicas." Essa definição amplia a compreensão tradicional de espaço, atribuindo-lhe função mediadora. Malaguzzi (1999), ao discutir a abordagem de Reggio Emilia, afirma que o ambiente atua como "terceiro educador", participando ativamente da construção das aprendizagens.

Horn (2004, p. 28) enfatiza: "A organização do espaço traduz a imagem de criança que sustenta a prática pedagógica." Assim, ambientes rígidos e padronizados refletem concepções centradas no controle, enquanto espaços flexíveis e investigativos revelam perspectivas que valorizam autonomia e protagonismo infantil.

A Educação Infantil é um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral da criança, envolvendo dimensões cognitivas, sociais, afetivas e motoras. Nesse sentido, a organização do ambiente físico escolar assume papel central, pois não se trata apenas de um espaço físico, mas de um instrumento pedagógico que potencializa a aprendizagem, a autonomia e a criatividade.

As crianças pequenas aprendem por meio da exploração, da experimentação e da interação com o ambiente e com os colegas. Ambientes planejados e diversificados permitem que elas descubram materiais, investiguem objetos e experimentem diferentes formas de interação, fortalecendo habilidades cognitivas e socioemocionais de maneira significativa. Segundo Horn (2004), "o espaço comunica concepções pedagógicas e revela a imagem de criança que a instituição valoriza", evidenciando a relação direta entre ambiente e práticas educativas.

O planejamento desses espaços deve considerar a diversidade de experiências e a singularidade de cada criança. Um cantinho de artes, por exemplo, não é apenas um local com papel, lápis e tintas, ele deve convidar a criança a explorar cores, texturas, formas e imaginação, permitindo que experimente diferentes possibilidades de expressão. Um cantinho de ciências deve despertar curiosidade, propor desafios e estimular hipóteses, transformando o aprender em uma experiência ativa e concreta.

De forma integrada, espaço físico, materiais adequados e práticas pedagógicas intencionais criam um ambiente que favorece a autonomia, a cooperação, a socialização e o desenvolvimento integral. Quando a criança se sente segura para explorar, experimentar e criar, o espaço deixa de ser neutro e se torna um verdadeiro mediador das aprendizagens, alinhado aos direitos de aprendizagem garantidos pela BNCC (Brasil, 2017).

Portanto, a qualidade da Educação Infantil não depende apenas de recursos materiais, mas da concepção pedagógica que orienta o uso do espaço e dos cantinhos educativos. Escolas que valorizam ambientes exploratórios e docentes engajados na construção de experiências significativas proporcionam às crianças condições para aprender brincando, investigar, expressar-se e desenvolver-se plenamente, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos e autônomos.

De forma indireta, Kramer (2006) aponta

que o ambiente escolar deve dialogar com as necessidades e linguagens da infância, promovendo experiências signifcativas e respeitando os modos de ser e aprender das crianças.

Na perspectiva construtivista, Piaget (1975, p. 37) afrma que a inteligência constrói-se na interação entre o sujeito e o meio, essa afrmação sustenta que o conhecimento emerge da ação da criança sobre os objetos e situações. Dessa forma, ambientes ricos em estímulos ampliam possibilidades de investigação, experimentação e resolução de problemas.

Além do espaço físico, a presença de docentes qualifcados e atentos à proposta pedagógica é essencial. Professores e professoras que propõem cantinhos pedagógicos ricos e intencionais transformam cada área da escola em oportunidade de aprendizagem. Os cantinhos de leitura, artes, construção, faz de conta e ciências, quando planejados com objetivos claros, oferecem situações de escolha, exploração e resolução de problemas, fortalecendo tanto o protagonismo infantil quanto a capacidade de investigação (Forneiro, 1998; Barbosa & Horn, 2001).

De maneira indireta, entende-se que a diversidade de materiais e a organização em cantos pedagógicos favorecem o pensamento simbólico, a criatividade e a construção de noções espaciais (HORN, 2004).

Vygotsky (1991, p. 98) complementa que o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento.

Assim, o ambiente físico, ao estruturar oportunidades de interação e exploração, atua como mediador do desenvolvimento cognitivo.

Wallon (1986) destaca a indissociabilidade entre emoção, movimento e cognição. Segundo o autor (1986, p. 68) a afetividade desempenha papel fundamental no desenvolvimento da personalidade.

Ambientes acolhedores, organizados e esteticamente agradáveis promovem segurança emocional e bem-estar. Barbosa e Horn (2001, p. 53) afrmam: “Ambientes organizados e humanizados transmitem à criança sensação de cuidado, pertencimento e estabilidade emocional.”

De forma indireta, pode-se afrmar que espaços desorganizados ou superlotados tendem a gerar ansiedade, agitação e insegurança (FORNEIRO, 1998). O espaço físico escolar exerce papel central no desenvolvimento integral da criança. Quando o ambiente não é planejado ou organizado de acordo com as necessidades infantis, podem surgir impactos negativos em diferentes dimensões do desenvolvimento. Um espaço desorganizado, superlotado ou pouco atrativo compromete tanto a aprendizagem quanto o bem-estar emocional e social das crianças.

Ambientes desordenados difcultam a exploração e a experimentação, limitando oportunidades de investigação e descobertas. Piaget (1975) destaca que a construção do conhecimento ocorre por meio da ação da criança sobre o meio; portanto, espaços restritivos ou mal estruturados reduzem a capacidade de interação e aprendizado ativo. Crianças em ambientes desorganizados tendem a apresentar menor curiosidade, menor autonomia e frustração frente às tarefas, pois não encontram estímulos adequados ou materiais acessíveis para explorar.

Além do impacto cognitivo, a desorganização do espaço interfere diretamente no desenvolvimento socioemocional. Wallon (1986) afrma que emoção, movimento e cognição estão interligados; quando o ambiente gera confusão ou insegurança, a criança pode apresentar ansiedade, irritabilidade e difculdade em socializar. Espaços superlotados ou com pouca delimitação de áreas específcas dificultam o convívio coletivo, provocando confitos, competição por materiais e falta de cooperação.

A falta de planejamento também compromete a prática pedagógica de qualidade. Sem cantinhos pedagógicos intencionais, os professores têm difculdade em propor experiências signifcativas, tornando o aprendizado fragmentado ou superfcial. Horn (2004) ressalta que o espaço comunica a concepção de crian-

ça que a escola valoriza; um ambiente pobre ou desorganizado transmite negligência, reduzindo o engajamento e a motivação das crianças.

De forma indireta, um espaço inadequado impacta até mesmo a saúde física e motora. Áreas restritas e mal distribuídas limitam a movimentação, prejudicam o desenvolvimento motor amplo e reduzem as oportunidades de brincadeiras corporais e atividades ao ar livre. Segundo Barbosa e Horn (2001), a ausência de espaços planejados e seguros pode gerar acidentes, insegurança e desinteresse pela exploração ativa.

Portanto, ambientes desorganizados ou mal planejados não são apenas inconvenientes; eles representam obstáculos reais ao desenvolvimento pleno da criança. A desestruturação física compromete aprendizagem, interação social, autonomia, bem-estar emocional e até o desenvolvimento motor. É essencial que as escolas invistam em ambientes intencionalmente planejados, organizados, seguros e ricos em estímulos, garantindo que cada criança tenha oportunidades de explorar, experimentar e aprender com qualidade, segurança e prazer.

Didonet (2001) ressalta que o ambiente na Educação Infantil deve ser planejado para acolher, proteger e estimular, garantindo condições favoráveis ao desenvolvimento afetivo.

Sob a perspectiva histórico-cultural, Vygotsky (1991, p. 97) afirma: “O desenvolvimento ocorre primeiro no plano social e depois no plano individual.” Isso implica reconhecer que os ambientes devem favorecer encontros, trocas e experiências coletivas. A disposição dos móveis, a acessibilidade dos materiais e a criação de áreas compartilhadas influenciam diretamente a qualidade das interações.

De forma indireta, entende-se que espaços que promovem cooperação e brincadeiras coletivas ampliam o desenvolvimento da linguagem, da empatia e das competências sociais (KRAMER, 2006).

O movimento é central na infância. Wallon (1986) enfatiza que a motricidade constitui base da construção psíquica. De forma indireta, compreende-se que espaços amplos e desafiadores favorecem coordenação motora ampla, equilíbrio e consciência corporal (BARBOSA; HORN, 2001).

Horn (2004, p. 41) destaca que os espaços devem provocar a curiosidade, a ação e o desejo de explorar. Ambientes investigativos ampliam a construção ativa do conhecimento.

Forneiro (1998, p. 67) afirma que o ambiente deve permitir à criança agir com independência, conforto e segurança emocional.”

A organização dos ambientes deve considerar autonomia, acessibilidade e diversidade de experiências.

Os cantos pedagógicos constituem uma estratégia central na Educação Infantil, proporcionando às crianças oportunidades de explorar, experimentar, criar e socializar de forma intencional e autônoma. Eles representam espaços estruturados e organizados, planejados pelos docentes, que articulam objetivos pedagógicos com a liberdade de escolha e o protagonismo infantil.

Dentro da sala de referência, os cantos pedagógicos permitem que cada criança se envolva em atividades de interesse, promovendo autonomia, concentração e desenvolvimento cognitivo. Cantos de leitura, artes, construção, faz de conta e ciências oferecem experiências diversificadas que estimulam habilidades cognitivas, motoras e socioemocionais (BARBOSA; HORN, 2001). Por exemplo, um canto de leitura não se limita apenas aos livros, mas também proporciona o desenvolvimento da linguagem, imaginação e percepção simbólica, enquanto um canto de artes permite que a criança explore cores, texturas, formas e expressões individuais.

Fora da sala de referência, os cantos pedagógicos se expandem para espaços externos, pátios, jardins e áreas de natureza, integrando movimento, exploração sensorial e experiências coletivas. Nessas áreas, as crianças têm a oportunidade de experimentar brincadeiras corporais, interagir com a natureza, realizar atividades de investigação científica e construir conhecimentos de forma prática. Segundo Horn (2004, p. 41), “o espaço deve provocar a curiosidade, a ação e o desejo de explorar”, evidenciando que os cantos externos ampliam significativamente o alcance das experiências pedagógicas.

A diferença entre cantos internos e externos não se limita ao espaço físico, mas à forma como cada ambiente interage com a proposta pedagógica e com as necessidades das crianças. Enquanto os

cantos internos favorecem atividades mais estruturadas, concentração e exploração de materiais específicos, os cantos externos promovem movimento, experiências sensoriais, socialização ampliada e descoberta da natureza. Ambos são complementares e essenciais para um desenvolvimento integral.

A organização desses cantos exige planejamento intencional por parte dos docentes, com definição clara de objetivos, materiais acessíveis e oportunidades de escolhas para as crianças. Forneiro (1998, p. 67) ressalta que "o ambiente deve permitir à criança agir com independência, segurança e liberdade para explorar", evidenciando que a qualidade pedagógica está diretamente ligada à forma como os cantos são estruturados e utilizados.

Em síntese, os cantos pedagógicos, sejam internos ou externos à sala de referência, constituem instrumentos fundamentais para o aprendizado significativo na Educação Infantil. Eles proporcionam experiências diversificadas, respeitam a singularidade de cada criança e promovem competências cognitivas, sociais, emocionais e motoras. A articulação entre cantos internos e externos, quando planejada de forma intencional e integrada à proposta pedagógica da escola, garante que as crianças explorem, experimentem e aprendam de maneira plena, lúdica e significativa, consolidando o espaço como mediador ativo das aprendizagens.

O brincar constitui eixo estruturante da Educação Infantil. A BNCC (BRASIL, 2017, p. 37) afirma: "O brincar é direito da criança e deve ser garantido nos diferentes tempos e espaços."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise teórica evidencia que o espaço físico atua como mediador do desenvolvimento infantil. Ambientes planejados, acolhedores e desafiadores favorecem autonomia, bem-estar e aprendizagens significativas.

Diante de tudo que foi discutido, torna-se evidente que os espaços físicos da Educação Infantil não são apenas estruturas ou mobiliário, mas verdadeiros mediadores do desenvolvimento integral da criança. Ambientes bem planejados, organizados e acolhedores permitem que as crianças explorem, experimentem, criem e se relacionem de forma significativa, fortalecendo sua autonomia, criatividade, pensamento crítico e habilidades socioemocionais.

Os cantos pedagógicos, sejam internos à sala de referência ou externos, ampliam essas oportunidades. Quando estruturados de forma intencional pelos docentes, com propostas pedagógicas de qualidade, eles transformam cada espaço em um território de descobertas, respeitando os interesses, ritmos e singularidades de cada criança. Por outro lado, ambientes desorganizados ou pouco planejados limitam experiências, geram frustração e dificultam aprendizagens, interferindo não apenas no desenvolvimento cognitivo, mas também na construção de vínculos, autoestima e senso de pertencimento.

Portanto, a qualidade da Educação Infantil depende da harmonia entre espaço, organização, materiais, planejamento pedagógico e presença de docentes comprometidos. Garantir ambientes ricos em estímulos, seguros e esteticamente acolhedores é oferecer às crianças o direito de brincar, investigar, errar, criar e aprender de forma plena. Mais do que construir salas ou pátios, trata-se de construir experiências significativas, que promovam não apenas o conhecimento, mas também a formação de sujeitos críticos, curiosos, confiantes e capazes de se relacionar de maneira saudável com o mundo e com os outros.

Em resumo, investir em espaços físicos bem estruturados e em cantos pedagógicos intencionais é investir na infância, na aprendizagem e no futuro da sociedade, pois cada experiência vivida e explorada pelas crianças contribui diretamente para a formação de cidadãos autônomos, criativos e humanos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação Infantil. Brasília: CNE, 2009.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio para onde vai Brasília: MEC, 2001.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. São Paulo: Ática, 2006.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, ideias e filosofa básica. Reggio Emilia, 1999.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa, 1986.